

# Ecomuseu da Amazônia: um olhar biocultural e decolonial no estudo das ações educativas

## RESUMO

**Willian Silva Barbosa**

[willian.biologia1@gmail.com](mailto:willian.biologia1@gmail.com)

[orcid.org/0009-0008-6327-6596](https://orcid.org/0009-0008-6327-6596)

Universidade do Estado do Pará (UEPA). Belém, Pará, Brasil.

**Milena Enedina Mota dos Santos Bessa**

[milena.emdsbessa@aluno.uepa.br](mailto:milena.emdsbessa@aluno.uepa.br)

[orcid.org/0009-0005-0937-816X](https://orcid.org/0009-0005-0937-816X)

Universidade do Estado do Pará (UEPA). Belém, Pará, Brasil.

**Gabrielly Freitas Fonseca**

[profgabriellybio@gmail.com](mailto:profgabriellybio@gmail.com)

[orcid.org/0000-0002-2674-3529](https://orcid.org/0000-0002-2674-3529)

Universidade do Estado do Pará (UEPA). Belém, Pará, Brasil.

**Sinaida Maria Vasconcelos**

[sinaida@uepa.br](mailto:sinaida@uepa.br)

[orcid.org/0000-0002-0340-9069](https://orcid.org/0000-0002-0340-9069)

Universidade do Estado do Pará (UEPA). Belém, Pará, Brasil.

Este trabalho tem como objetivo analisar as ações educativas desenvolvidas pelo Ecomuseu da Amazônia (EA), localizado em Belém do Pará, identificando aspectos da bioculturalidade e decolonialidade no desenvolvimento dessas ações. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e descritiva, do tipo estudo de caso. Os dados foram coletados a partir de análise documental e entrevistas semiestruturadas com membros da instituição que compõem a direção, equipe técnica, estagiários e comunitários engajados nas ações. Os dados foram submetidos ao conjunto de técnicas de análise de conteúdo. Os resultados evidenciam que o EA possui uma estrutura organizacional e desenvolve ações por meio de quatro eixos temáticos, quais sejam: Meio ambiente, Cultura, Turismo de Base Comunitária e Cidadania. Foram registradas e descritas ações como: “Cultivando Memórias”, “Quintais Produtivos”, desenvolvimento de cursos de capacitação, oficinas culturais e o contato com o público escolar. Ações essas que possuem aspectos atitudinais e motivacionais, bioculturais e decoloniais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Não-Formal. Diversidade cultural. Desenvolvimento comunitário.

## INTRODUÇÃO

A musealização pós-colonial no contexto brasileiro é caracterizada pela homogeneização do conhecimento e objetividade científica, que tendem a suprimir perspectivas e vivências dentro do denominado patrimônio “nacional”, criando uma abordagem neutra e universal para a museologia. No final do século XX, surgem os Ecomuseus com o propósito de revolucionar a prática museológica, incorporando conceitos como “participação da coletividade” e “identidade cultural” (BRULON, 2020).

Os Ecomuseus rompem com a perspectiva tradicionalista encontrada nos museus de ciências, pois não se limitam a um espaço físico com um acervo em exposição, seu acervo é composto pelo ambiente natural e pela cultura local. Henri Rivière (1992), museólogo francês, propõe que a definição de Ecomuseu baseia-se em três dimensões: a preocupação com o patrimônio natural, a redução da descontextualização das referências culturais por meio da musealização *in-situ* e a valorização da cultura popular.

Um Ecomuseu tem a função de preservar a região em que se encontra por meio de uma leitura dialógica do território, com foco no patrimônio e na comunidade. Essa leitura deve considerar três aspectos: as características físicas do ambiente (território geográfico), o processo de evolução da região (território histórico) e a forma como os indivíduos entendem e se relacionam com esse ambiente (território imaginário) (MUSEU TERRITÓRIO, 2022).

Os Ecomuseus, com seus atores sócio-históricos totalmente envolvidos culturalmente no contexto local, apresentam-se como ambientes de extrema importância não apenas na preservação, mas também no âmbito educacional e no desenvolvimento de pesquisas. A finalidade de um Ecomuseu é a valorização cultural, social e espacial da região em que se encontra, buscando dar protagonismo para a comunidade, exaltando e compartilhando seus saberes e fazeres bioculturais (BELÉM, 2024). Com efeito, colocam em questionamento a lógica colonialista presente nos espaços museais, dando maior voz às práticas museais comunitárias e participativas, por meio da inserção de culturas silenciadas e marginalizadas nos processos de musealização tradicionais (VASCONCELOS; MARANDINO, 2022). Assim:

Por envolverem um tipo de imersão das pessoas em sua própria cultura e um contato íntimo com a memória, esses museus tiveram que contar com o suporte da etnologia e, de fato, se desenvolveram como uma alternativa iconoclasta aos museus etnográficos clássicos, principalmente por romperem com a lógica do olhar do Outro sobre o patrimônio ali apresentado (BRULON, 2015, p. 267).

O Ecomuseu da Amazônia (EA), localizado em Belém do Pará, na ilha de Caratateua, encontra-se em uma região com um importante patrimônio histórico-cultural-biológico que demanda estudos e pesquisas para seu reconhecimento e preservação. Por isso, o EA pauta suas ações na participação popular para a construção de um projeto de desenvolvimento humano sustentável na busca pela integração e representatividade das comunidades envolvidas, valorizando os “saberes e fazeres” e a memória coletiva enquanto referencial básico para o

entendimento e a transformação da realidade presente na região e articulando temáticas que perpassam a diversidade biológica e cultural local (BELÉM, 2024).

Assim, o presente estudo tem como objetivo analisar as ações educativas desenvolvidas pelo Ecomuseu da Amazônia identificando aspectos da bioculturalidade e decolonialidade no desenvolvimento dessas ações.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, serão apresentados os referenciais teóricos que fundamentaram o desenvolvimento da pesquisa. Inicialmente, destaca-se a decolonialidade, uma abordagem que busca desfazer as amarras das narrativas coloniais que há muito moldam a interpretação do patrimônio cultural e natural. Paralelamente, temos a bioculturalidade, que destaca a interdependência vital entre diversidade cultural e biodiversidade. Ao explorar esses dois temas interconectados, abrimos as portas para diálogos que desafiam as normas estabelecidas pelos padrões coloniais, enfatizando o propósito e a relevância dos Ecomuseus, como o Ecomuseu da Amazônia, em suas regiões de atuação.

## DECOLONIALIDADE EM ECOMUSEUS NO CONTEXTO AMAZÔNICO

A ideia de colonialidade está intimamente ligada ao projeto de colonização estabelecido sobre os países da América do Sul no século XV. Trata-se, de maneira ampla, de um processo de dominação e superioridade daquele que domina sobre quem é dominado, suprimindo seus saberes, suas culturas, sua identidade e sua humanidade. Esse processo criou uma segregação social, refletida por atos brutais e desumanos aos colonizados, baseada na “racialização” e no estabelecimento de um complexo mecanismo de controle de força e acúmulo de capital: o capitalismo (DUTRA *et al.*, 2019).

Malcom Ferdinand (2022), em sua obra “Uma Ecologia Decolonial”, argumenta que a modernidade enfrenta uma dupla fratura colonial e ambiental, marcada pelo distanciamento entre os movimentos ambientais e os movimentos pós-coloniais. Desta forma, as lutas antirracistas e ambientais só seriam efetivas se conduzidas em consonância, evitando, respectivamente, a fratura colonial que homogeneiza os “colonizadores” modernos a um padrão ideal eurocêntrico, reduzindo os racializados em suas culturas, ritos e crenças, e a fratura ambiental que não vincula a desigualdade social e racial aos problemas ambientais contemporâneos.

O fim do colonialismo, enquanto relação política, não significou o fim do colonialismo social enquanto mentalidade discriminatória e forma de sociabilidade autoritária. Essas relações raciais e de dominação coloniais têm consequências que se desdobram na desvalorização de culturas, práticas e ritos de diversos povos colonizados (SANTOS, 2004). Assim, os movimentos decoloniais buscam desconstruir os resquícios desse processo de segregação social e racial na contemporaneidade, sendo a Ecologia Decolonial um dos meios de confrontar e entender as crises ecológicas modernas como um reflexo da dominação exercida sobre pobres e racializados (FERDINAND, 2022).

Nesse contexto, sendo a comunidade o foco de suas ações, valorizando a bagagem cultural desses agentes sociais, considera-se que os Ecomuseus trazem consigo uma abordagem decolonial. É a partir dessa concepção que o Ecomuseu

da Amazônia (EA) foi criado, com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento humano, especialmente de populações locais constituídas por comunidades tradicionais, ribeirinhas e periurbanas (MARTINS; VARINE-BOHAN, 2012).

Diante desse cenário, se leva em consideração a exploração desenfreada de recursos naturais na região em que o EA desenvolve ações, que podem impactar negativamente as comunidades locais. Essa abordagem decolonial busca promover uma maior autonomia e dignidade para as populações locais, bem como a preservação do meio ambiente. Por isso, Castro (1998, p. 4) diz que:

Tornou-se extremamente importante, para intervir na crise ecológica, conhecer práticas e representações de diferentes grupos, pois eles conseguiram, ao longo do tempo, elaborar um profundo conhecimento sobre os ecossistemas, conhecimento que lhes garantiu até hoje a reprodução de seu sistema social e cultural.

Logo, movimentos e pensadores decoloniais na Amazônia argumentam que é essencial descolonizar as mentes e as estruturas sociais, econômicas e políticas para enfrentar os desafios contemporâneos da região. Assim, vai-se contra os regimes coloniais imperantes que silenciam culturas, saberes e fazeres.

### **BIOCULTURALIDADE EM ECOMUSEUS NO CONTEXTO AMAZÔNICO**

A Amazônia brasileira é responsável por abrigar a maior biodiversidade do planeta, possuindo mais de 116.000 espécies de animais e mais de 46.000 espécies vegetais notificadas (BRASIL, 2023). Estando, sobretudo, esta imensa biodiversidade cada vez mais ameaçada pela acelerada exploração de seus recursos naturais, seja por meio da agricultura ou pecuária intensiva, ocupação ilegal do território, a monocultura de certas espécies e introdução de espécies exóticas para cultivo (VIEIRA, *et. al.*, 2008). De acordo com o Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (IMAIZON, 2023, sem paginação):

A destruição da floresta amazônica teve uma queda de 60% em agosto deste ano, em comparação com o mesmo período de 2022. Conforme Sistema de Alerta de Desmatamento (SAD) do Imazon, a derrubada na região passou de 1.415 km<sup>2</sup> em agosto do ano passado para 568 km<sup>2</sup> no mesmo mês em 2023.

Apesar da redução dos níveis de desmatamento, tais números continuam elevados, possuindo diversos impactos ecossistêmicos. A exploração desordenada dos recursos naturais da Amazônia pode refletir tanto no ambiente de moradia de pessoas que habitam a região quanto nos aspectos culturais dos povos locais.

As sociedades denominadas tradicionais abrigam um repertório de conhecimento ecológico que geralmente é local, coletivo, diacrônico, sincrético, dinâmico e holístico (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2009). Assim, essas sociedades possuem uma visão do todo, relacionando aspectos gerais do território em que estão inseridos ao seu modo de vida, transmitindo conhecimentos, saberes e fazeres entre as gerações, possibilitando a difusão e preservação desses conhecimentos até os dias atuais.

De acordo Toledo e Barrera-Bassols (2015) a diversidade biológica e cultural são construções mutuamente dependentes e enraizadas em contextos geográficos

definidos. Na Amazônia, esse mutualismo biológico-cultural se manifesta como patrimônio biocultural imaterial. Nesse pensamento, para a *Biocultural Diversity Education Initiative* (BCDDEI):

A diversidade biocultural vê a teia da vida como constituída não apenas pela biodiversidade (variedade de espécies de plantas e animais e ecossistemas), mas também pelas diversidades cultural e linguística (a variedade de culturas e línguas humanas). Em outras palavras, na Perspectiva Biocultural os seres humanos fazem parte, não são separados do ambiente natural; e biodiversidade, diversidade cultural e diversidade linguística são inter-relacionados e interdependentes (TERRALÍNGUA, 2014, p. 4).

Essa diversidade biocultural é resultado da adaptação dos povos tradicionais ao meio ecológico, sobretudo, nos seus saberes e fazeres no território, evidenciando uma cultura integrada à natureza em diversas formas de trabalhos realizados e manejo dos recursos que estão disponíveis no ambiente natural.

Os Ecomuseus dão enfoque na valorização desse patrimônio biocultural imaterial e das partes que os compõem: os recursos da diversidade biológica (biodiversidade), os conhecimentos tradicionais (CTs) e expressões culturais tradicionais (ECTs) (RODRIGUES JÚNIOR, 2009). Assim, a busca por uma aproximação com esses espaços, que permita olhar e compreender para além do território geográfico, o território histórico, biológico e cultural, possibilita um estudo mais amplo da complexa configuração dessas instituições museais, permitindo uma leitura dialógica da ideia de saberes e fazeres presentes naquele território de atuação.

A questão levantada conduz a reflexões e estudos acerca da concepção daqueles que concebem e executam as ações no EA. Assim, analisar as ações realizadas em relação à importância da preservação e valorização dos conhecimentos tradicionais das comunidades presentes nas ações para a preservação da biodiversidade amazônica é crucial, uma vez que, mesmo produzidos localmente, esses conhecimentos são objeto de discussão global (CASTRO, 1998).

## **METODOLOGIA**

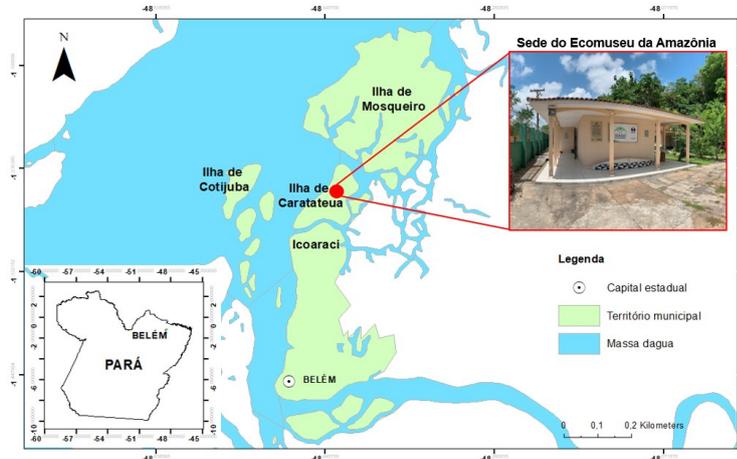
A pesquisa realizada é de natureza qualitativa, sob a abordagem definida por Gil (2002, p. 42) como descritiva, que “busca descrever características de determinada população e de fenômenos, a fim de estudar opiniões, atitudes e crenças deste grupo”. No que diz respeito ao método, optou-se pelo estudo de caso, uma vez que, segundo Rampazzo (2002, p. 55), “este método de pesquisa objetiva o estudo de dados ou fatos colhidos da realidade de um determinado grupo ou comunidade”.

## **CONTEXTUALIZANDO O LÓCUS DE ESTUDO: ECOMUSEU DA AMAZÔNIA**

O EA está localizado na ilha de Caratateua – distrito pertencente ao município de Belém, capital do Estado do Pará (Figura 1). O EA se apresenta como projeto da Fundação Escola Bosque (FUNBOSQUE), vinculada à Prefeitura Municipal de Belém, e sua área de atuação se dá onde existem unidades pedagógicas da

FUNBOSQUE: Ilha de Caratateua, Ilha de Cotijuba, Ilha de Mosqueiro, Ilha de Jutuba e Ilha de Paquetá.

**Figura 1-** Mapa do território municipal de Belém com a localização do EA.



Fonte: Modificado de ALMEIDA; MARTINS (2022).

A ilha é popularmente conhecida como Outeiro devido ao bairro central São João do Outeiro e suas praias. Entretanto, o nome oficial da ilha tem origem no tupi, que significa “Lugar de Cará”, devido à grande produção do tubérculo Cará (*Dioscorea* sp.) na ilha no final do século XIX e início do século XX (ALMEIDA; MARTINS, 2022).

Criado em 2007, o EA tem como premissa a participação popular no inventário patrimonial da região em que atua. O histórico de criação do EA se fundamenta na ação conjunta das professoras Laís Ardene e Therezinha Gueiros que desenvolveram um conjunto de ações na busca da valorização do patrimônio local do Estado do Pará, trazendo referenciais de outros Ecomuseus brasileiros. Esse processo de articulação perdurou até junho de 2007, no “Seminário de Implantação do Ecomuseu da Amazônia”, onde o EA foi oficialmente fundado (MARTINS, 2014).

## MÉTODOS DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Para coleta de dados, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas com seis participantes que são membros da instituição constituindo a direção (2 pessoas), equipe técnica (1 pessoa), estagiários (2 pessoas) e comunitários (1 pessoa) que atuam efetivamente desenvolvendo ações no EA. O tempo de trabalho, a atuação e o envolvimento com as ações foram utilizados como critérios para a seleção dos participantes entrevistados.

As entrevistas foram constituídas por perguntas abertas que versavam sobre as ações desenvolvidas, o objetivo das ações, por quem eram concebidas e realizadas, como a participação comunitária e os saberes se expressam nessas atividades, e como a biodiversidade, bioculturalidade e decolonialismo estão apresentados e relacionados com as ações educativas.

O período de coleta aconteceu entre os meses de setembro e novembro do ano de 2022, com um encontro inicial para esclarecimento dos objetivos da pesquisa aos participantes e dias agendados para cada entrevista. Antes das

entrevistas, os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), as entrevistas foram gravadas e transcritas. Foram criados códigos para o momento de transcrição e análise das entrevistas para manter a privacidade dos participantes: A1; A2; A3; A4; A5; A6;

Os dados gerados foram analisados pelo conjunto de técnicas da Análise de Conteúdo Categórica que Bardin (2016, p. 44) define “como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”.

Para tal análise seguiram-se as seguintes etapas operacionais: pré-análise do material com a leitura flutuante de todos os dados coletados nas entrevistas; a exploração material e codificação das unidades de sentido; categorização dos temas semelhantes com a formação de subcategorias e categorias; tratamento dos resultados, descrição e interpretação dos dados levantados.

A interpretação dos dados, a partir dos apontamentos levantados pelos participantes da pesquisa, possibilitou a definição de 3 categorias que serão apresentadas a seguir. Após a delimitação dessas categorias, buscou-se olhar de maneira aprofundada aos apontamentos nas falas dos(as) entrevistados(as) sobre as ações educativas desenvolvidas pelo EA.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

O EA se instituiu objetivando a construção de um projeto de desenvolvimento humano sustentável que garanta a integração de todos e que seja representativo das necessidades e interesses das comunidades envolvidas, a partir da valorização dos “saberes e fazeres” e da memória coletiva, referencial básico para o entendimento e a transformação da realidade da região (BELÉM, 2024). Para isso, o EA desenvolve suas ações a partir da seguinte estrutura organizacional:

Figura 2- Estrutura e organização do EA



Fonte: Autoria própria (2024).

Em suas ações, O EA busca fazer com que esses comunitários “tomem posse” de seus patrimônios, adquirindo os elementos necessários para que possam gerir em benefício próprio (MARTINS; PACHECO, 2021). Nesse campo de atuação, são desenvolvidos programas de capacitações com os comunitários para identificar esses atores nos seus conhecimentos e manejo dos recursos do ambiente.

Martins e Pacheco (2021) afirmam, ainda, que no que se refere à organização, o EA organiza suas ações a partir de 04 eixos temáticos interdisciplinares quais sejam: turismo de base comunitária; meio ambiente; cidadania; e cultura. Com essa organização, as ações são desenvolvidas integrando os conhecimentos

científicos aos conhecimentos culturais e sociais da comunidade, tendo a interdisciplinaridade dos eixos temáticos, que orientam a equipe técnica, dando estrutura e embasamento a essas ações.

Assim, feita essa contextualização do ambiente de pesquisa com base nos dados coletados, a próxima seção busca analisar as ações desenvolvidas e os aspectos observados nas falas dos integrantes da instituição.

### **ANALISANDO AS AÇÕES EDUCATIVAS DO ECOMUSEU DA AMAZÔNIA**

As ações desenvolvidas pelo EA apresentam como missão: “Pensar coletiva e interinstitucionalmente os problemas de nossa região e suas comunidades, sem desvincular as dimensões ecológicas, sociais, educacionais, políticas e econômicas.” (BELÉM, 2024).

Em primeiro plano, destacam ações como o “Cultivando Memórias”, “Fórum de Desenvolvimento Sustentável das Ilhas” e “Roteiro de Memórias”, em que são realizados roteiros nas ilhas, nos denominados pontos de memórias, para divulgar os conhecimentos dos comunitários nos seus diversos saberes e relações com o meio ambiente.

Ações dessa natureza são realizadas, por exemplo, durante programações como “Semana Nacional dos Museus” e “Primavera dos Museus”, nas quais o EA realiza o roteiro e outras atividades que levam os participantes aos pontos de memórias mapeados, buscando aproximar a população desses espaços ainda pouco explorados, valorizando a cultura local. Nos pontos de memória, os mestres de cultura protagonizam o roteiro em seus diversos saberes, perpassando entre a produção de farinha, mestres de carimbó, mestres ceramistas, os quintais produtivos, entre outros.

O projeto intitulado “Quintais Produtivos”, se trata de uma rede de quintais ou eco sítios da ilha de Caratateua que são potencialmente ativos e que dispõem de recursos naturais. Nesses locais, o EA atua através da realização de diferentes atividades que possam proporcionar a geração de renda, tendo-se como exemplo a produção de galinhas e ovos caipira, criação de abelhas, viveiros de mudas de espécies florestais e/ou viveiros de peixes (SOUZA, 2018).

O EA atua, também, nos “Cursos de Capacitação”, oferecidos gratuitamente aos comunitários da ilha, que objetivam contribuir com a qualificação profissional dos envolvidos. O Curso de Cerâmica, realizado em 2023, levou o conhecimento teórico e prático sobre técnicas de confecção e modelagem, queima e pintura de peças. As “Oficinas Culturais”, como a Oficina de Carimbó, em 2023, oportunizou aos comunitários a difusão desse patrimônio imaterial. Ações como essas, capacitam os comunitários a praticarem, criarem e multiplicarem os conhecimentos patrimoniais da região (BELÉM, 2024).

Outrora, ocorre a realização de eventos comunitários, intitulados de “Feiras Ecoculturais”, que reúnem a comunidade, mestres de cultura e produtores artesanais da Ilha de Caratateua nos espaços do EA. Os eventos são destinados à divulgação patrimonial e cultural da ilha, com apresentações, feiras, vendas de comidas e produtos de produção local.

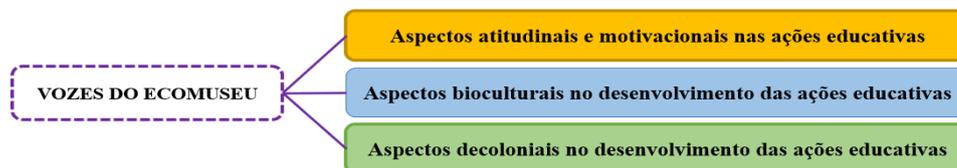
Além disso, por se encontrar inserido em um contexto educacional, o EA desenvolve ações educativas junto aos alunos da Fundação Escola Bosque. Esses

projetos dão voz ao saber popular, destacando-se a cerâmica, com oficinas que objetivam popularizar e democratizar esse conhecimento regional. Assim, o EA enquanto espaço de educação não formal disponibiliza espaços que para além do público escolar, recebe público espontâneo e diverso, desenvolvendo ações com grande carga de saber histórico e cultural da região onde estão inseridos.

Nessa perspectiva considera-se que o EA se alinha aos princípios da nova museologia, tanto na atuação no campo quanto nas ações internas, que de acordo com Brulon (2020) buscam dar visibilidade às práticas museais comunitárias, participativas e fortalecimento de laços identitários no interior dos grupos.

Após essa análise, a seguir serão abordadas as três categorias elaboradas a partir das falas dos participantes da pesquisa (Figura 3) de acordo com as unidades de sentido e categorização das falas dos envolvidos. O título “Vozes do Ecomuseu” se refere a uma nomenclatura atribuída aos participantes da pesquisa, que possuem suas trajetórias entrelaçadas ao Ecomuseu da Amazônia.

**Figura 3-** Categorias formadas a partir das "Vozes do Ecomuseu"

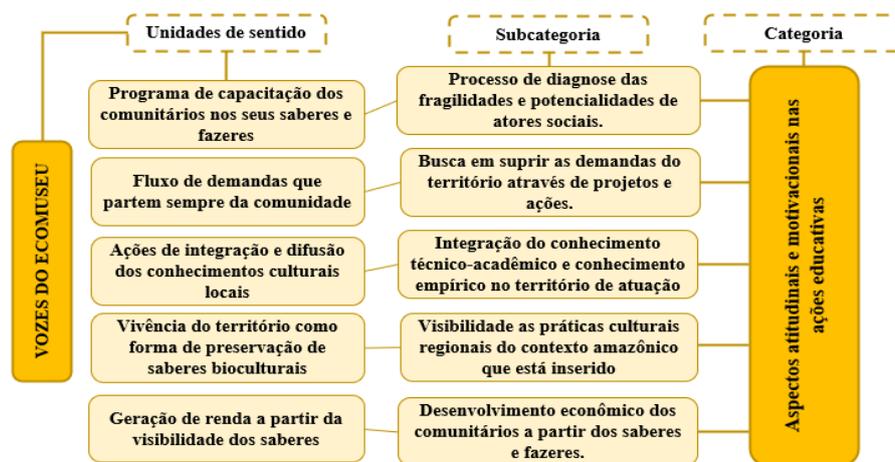


Fonte: Autoria própria (2024).

### ASPECTOS ATITUDINAIS E MOTIVACIONAIS NAS AÇÕES EDUCATIVAS

A partir das entrevistas realizadas com os participantes da pesquisa, a primeira categoria reúne os aspectos atitudinais e motivacionais que estão envolvidos no desenvolvimento das ações educativas descritas anteriormente (Figura 4).

**Figura 4** - Esquema do processo de definição da categoria "Aspectos atitudinais e motivacionais nas ações educativas"



Fonte: Autoria própria (2024).

Nessa categoria, observa-se que o EA está dando enfoque nas produções e culturas locais do contexto amazônico, mapeando atores sociais com potencialidade nos seus saberes e fazeres para desenvolver programas de

preservação e recuperação de patrimônios naturais e culturais nos seus locais de atuação. Esse aspecto é evidente no seguinte trecho retirado das entrevistas:

A gente veio para identificar possíveis fragilidades nos estabelecimentos na comunidade, potencializar, melhorar ou alterar. Um exemplo: a gente tem um quintal, um quintal produtivo e que nesse quintal poderíamos melhorar, fazer diversos manejos, práticas, colocando adubação, podando árvores, eliminando algumas que possam estar afetando outras. A gente teria que enxergar a possibilidade de melhorar o que ela já faz. (Entrevistado 3).

Esse processo de diagnose estabelece ações que procuram retratar a preocupação com a sustentabilidade socioambiental através do diálogo das demandas dos comunitários e do território, buscando relacionar as novas correntes museológicas e os movimentos preservacionistas socioambientais do século passado (HUFFNER *et. al*, 2018). Evidencia-se o efeito positivo de ações que buscam suprir as demandas comunitárias nos recortes:

Sem esse entendimento e sem esse acompanhamento técnico, a gente faz, a gente planta do nosso jeito. Quando eu comecei a plantar aqui esses açaís, eu comecei a plantar tudo muito junto, não tinha essa ideia de que eu tinha que ter aquele limite para plantar o outro. Hoje não, eu já tenho esse entendimento e do manejo também. (Entrevistado 6).

[...] então ela se sentia valorizada com esses profissionais que vinham registrar as suas histórias, que vinham atendê-la nessa questão da geração de renda, quando você valoriza o recurso você pode fazer isso aqui. Ela tem tudo aquilo lá, mas às vezes ela não tem a percepção de tudo que ela tem. (Entrevistado 4).

Nesse aspecto, o EA, no desenvolvimento de ações, atividades e projetos, traz aspectos que buscam integrar o conhecimento técnico-acadêmico com o conhecimento empírico (MARTINS; PACHECO, 2021). Essa integração dá maior visibilidade aos trabalhos realizados na região, contribuindo para a geração de renda e o desenvolvimento econômico dos comunitários a partir dos seus saberes e fazeres.

Paralelamente, observou-se que a integração do ambiente escolar e da própria comunidade nos cursos, ações e projetos no EA, são aspectos bem recorrentes nas entrevistas:

[...] aqui a gente tenta fazer um pequeno recorte do que é para mostrar o valor da nossa cultura, dos nossos valores e dos nossos costumes amazônicos né, com o olhar da memória, da preservação e do salvar. É a experiência mínima, que a gente consegue oportunizar essas pessoas [...]. (Entrevistado 1).

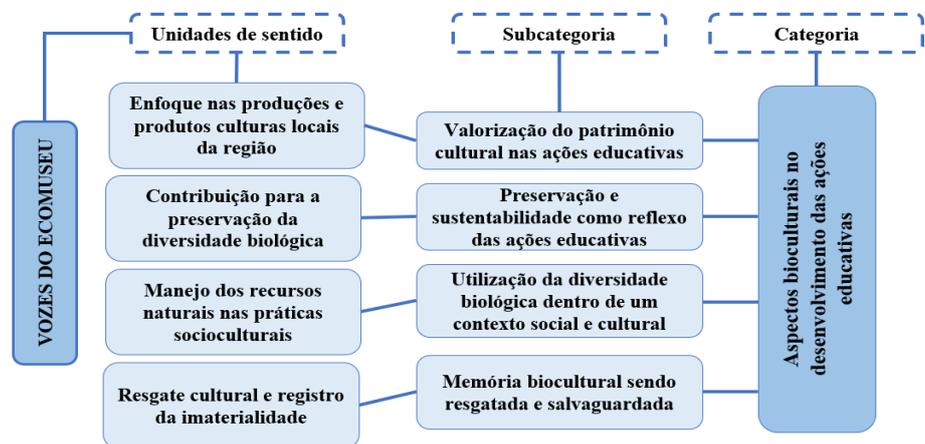
[...] é um dos objetivos também da metodologia dos Ecomuseus didáticos né, a questão das gerações. Porque os antigos sabem como faz, mas crianças, os jovens mesmo não sabem. Então isso é uma valorização. (Entrevistado 4).

Nisso, o EA utiliza a vivência no território como uma ferramenta de preservação dos conhecimentos bioculturais da região, para que essas práticas não sejam perdidas no passar das gerações. Assim, a partir das vivências, esse turismo cultural tem o potencial de fortalecer os conhecimentos e práticas populares, assim como as tradições, seja ao ampliar o reconhecimento dos agentes culturais, seja ao destacar as expressões artísticas características da região (CARNEIRO; OLIVEIRA; CARVALHO, 2010).

### ASPECTOS BIOCULTURAIS NO DESENVOLVIMENTO DAS AÇÕES EDUCATIVAS

A partir dos apontamentos levantados pelos participantes da pesquisa durante as entrevistas, alinhado aos objetivos do presente estudo, a segunda categoria reúne aspectos da bioculturalidade que estão envolvidos no desenvolvimento das ações educativas mencionadas (Figura 5).

**Figura 5-** Esquema do processo de definição da categoria “Aspectos bioculturais no desenvolvimento das ações educativas”



Fonte: Autoria própria (2024).

De acordo com as Vozes do Ecomuseu, observou-se que as ações desenvolvidas expressam aspectos bioculturais importantes dentro do contexto amazônico. Tendo esse cenário em que a diversidade biológica é rica, considera-se a biodiversidade não sendo simplesmente um produto da natureza, ela é também uma construção cultural e social (DIEGUES, 2000). Por isso, o enfoque nas produções culturais locais valoriza essa memória patrimonial e a diversidade desses saberes e fazeres, aspecto observado nos trechos:

O Ecomuseu da Amazônia está dando esse enfoque nessas produções e culturas locais, não só a cultura enquanto conhecimento mais da região do contexto amazônico. (Entrevistado 1).

Havia uma complexidade nessa própria técnica de condução de região por região, isso também me encantou, por exemplo uma maneira de fazer a canoa no lugar e a maneira de fazer a canoa na outra, a madeira que se usava uma e a madeira do fazedor da outra, né? e assim vai surgindo a diversidade. (Entrevistado 5).

A compreensão da biodiversidade nas falas está pautada na coevolução onde os seres humanos aprenderam a utilizar os recursos naturais disponíveis no local

que habitam, cada cultura dialoga com o ecossistema do ambiente onde se encontra, com a combinação de paisagens e com a biodiversidade nelas contidas, cujo resultado é uma ampla e complexa gama de interações finas e específicas nesses grupos (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015). Aspectos do manejo dos recursos naturais retratam a utilização da diversidade biológica dentro de um contexto social e cultural, evidente nas falas:

Então tu chega lá e tu vivencia o quintal, tu vê a priprioca no pé cheirando, acompanha o crescimento dela e acompanha todo esse processo sendo narrado por quem cuida e é constituído e mantido por eles. (Entrevistado 1).

São pessoas, são relações, são perspectivas, é o próprio meio ambiente, é a própria relação que essa pessoa tem com o ambiente. (Entrevistado 3).

Esses apontamentos corroboram com Santos e Fenner (2021, p. 4), ao afirmarem que “toda práxis corresponde a um corpus de conhecimento e os modos de produção destes povos, em suas especificidades são os responsáveis pelas riquezas bioculturais”. Assim, os comunitários que participam das ações do EA são os portadores desse conhecimento biocultural, portanto, são essenciais para a manutenção da biodiversidade do território. Aspectos da contribuição para a preservação dos ecossistemas através da atuação do EA no território também são observados nas entrevistas:

De forma direta a gente também contribui, quando esses mestres estão atuando e vivendo, eles estão protegendo a natureza, protegendo esses saberes todos que é a tecnologia social. (Entrevistado 1).

A cultura é o principal e tem que começar por ela, por quê? Porque você vai trabalhar a história e a memória daquele local e a partir do momento em que você tem a sua história e a sua memória, você então vai valorizar o seu espaço e dali vão surgindo todas as outras coisas, a questão ambiental, a geração de renda, o turismo. (Entrevistado 4).

Assim, o EA preocupa-se com a elaboração de programas que envolvem a preservação e recuperação dos patrimônios culturais e naturais da sua região, com ênfase na melhoria da qualidade de vida das comunidades, colaborando para a emancipação e autossustentação destas.

Evidencia-se, também, nesse processo, a preocupação com o registro dessa imaterialidade, na tentativa de resgatar, salvaguardar e valorizar a memória patrimonial nesses saberes e fazeres comunitário:

[...] uma coisa que a gente percebeu é assim, eles sabiam muitas coisas, herdados de pai, de geração em geração. A gente percebeu, que as gerações atuais não estavam na mesma linha de continuidade, então era preciso fazer o registro da imaterialidade desse conhecimento. (Entrevistado 5).

Mediante a isso, é possível identificar o protagonismo expresso a partir dos saberes e fazeres culturais, através de cantos e danças como carimbó, dos passáros, boi-bumbá, além da produção de farinha e da cerâmica. Conhecimentos esses que são por demasiadas vezes, desconexos do saber científico, possuindo assim, caráter individual, local, particular (ou singular), pessoal, concreta, globalizante e prática (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015).

### ASPECTOS DECOLONIAIS NO DESENVOLVIMENTO DAS AÇÕES EDUCATIVAS

A presente categoria reúne aspectos da presença de uma abordagem decolonial no desenvolvimento das ações, projetos e atividades educativas realizadas pelo EA, a partir dos apontamentos levantados pelos entrevistados (Figura 6).

**Figura 6-** Esquema do processo de definição da categoria “Aspectos decoloniais no desenvolvimento das ações educativas”



Fonte: Autoria Própria (2024)

Nos apontamentos das entrevistas, observa-se que em todas essas expressões culturais a biodiversidade se faz presente em uma perspectiva decolonial, na medida que a materialização dos sujeitos subalternizados, em seus saberes e fazeres, no fluxo cultural, se desdobra em resgate, reconhecimento, valorização e protagonismo, enquanto processo de resistência e luta aos regimes de colonialidade imperantes. Aspectos desse processo são evidenciados nos trechos:

A essência do Ecomuseu é decolonização. Nossa missão é fazer com que a pessoa entenda e valorize seu espaço, sua cor, sua raça, o que faz e o valor de tudo aquilo. Então, a partir daquilo, preservar o que tem de valor e contribuir com a comunidade ao redor. (Entrevistado 4).

Não é a gente que conta a história deles, são eles que contam. A gente como Ecomuseu, equipe, a gente não vai lá impor as coisas. A gente vai reconhecer o que eles têm de saber, fazer, como eles se reconhecem, as suas vivências. (Entrevistado 2).

A partir do desenvolvimento de ações, projetos e atividades, o EA visa romper pensamentos coloniais difundidos socialmente que acabam omitindo os saberes e

fazer dos comunitários dentro do contexto em que se encontram. Destacam-se as falas:

O Ecomuseu ele trabalha muito para tirar a criminalização que é feita aqui em Outeiro, pra mostrar que tem cultura, tem meio ambiente, tem educação ambiental, dá visibilidade pra ele, e a gente tenta garantir essa visibilidade através dessas ações, que são pequenas. (Entrevistado 2).

[...] muita gente sai aqui no nosso bairro, que é um bairro dormitório onde as pessoas saem de manhã para trabalhar e só voltam a noite, por isso é tão calmo e tão quieto. Isso incomoda a gente porque a gente tem muita coisa, a gente tem uma gama de riqueza e de coisas que a gente pode tá fazendo e trazendo sustento sem precisar tá saindo daqui. (Entrevistado 6).

A memória patrimonial do território é construída a partir das relações com o meio e, muitas vezes, esses conhecimentos se perpetuam por meio da oralidade, que se desdobra em memória. Outrora, esses conhecimentos são colonizados por outra racionalidade, matando e deixando morrer muito do que se desenvolveu enquanto humanidade, processo que, de acordo com Toledo e Barrera-Bassols (2015), é denominado “Amnésia Biocultural”.

Com traços que criticam os padrões de poder que continuam sendo sustentados mesmo após o fim do colonialismo enquanto relação política, o EA intervém como forma de resistência a esse processo colonial de apagamento de memórias, rompendo com os padrões pós-coloniais ainda presentes, retratados em relações assimétricas de caráter racial, de trabalho e gênero. Certeau (2011, p. 241) sugere uma resistência em face ao colonialismo que tem se difundido a cultura de maneira singular:

A cultura no singular impõe sempre a lei de um poder. À expansão de uma força que unifica colonizando e que nega ao mesmo tempo seu limite e os outros, deve se opor uma resistência. Há uma relação necessária de cada produção cultural com a morte que a limita e com a luta que a defende. A cultura no plural exige incessantemente uma luta.

Daí se encontra uma oportunidade para o uso da difusão de uma cultura plural dentro da região amazônica, que se faz presente nas ações do EA, rompendo a visão elitista e fixa de cultura nos padrões eurocênicos. Essa noção perpassa na visão coletiva das que concebem e executam ações no EA, uma vez que suas falas destacam:

Ela tem tudo aquilo lá, mas às vezes ela não tem a percepção de tudo que ela tem. E aí a gente entra nessa parte aí, dizem que a gente é mediador, porque você entra colocando pra eles a importância deles, a valorização desse processo, do pertencimento, do empoderamento. (Entrevistado 5).

[...] o Ecomuseu dá essa visibilidade pra essas pessoas que são meio que "apagadas", "silenciadas" pela massa. Porque o turismo que de fato é realizado é o de massa, de vim na praia passar o dia, às vezes não passa uma noite né, então a gente com o turismo de base, a gente

pretende dar essa visibilidade, mostrar que tem mais né. (Entrevistado 2).

A materialização dos sujeitos subalternos, em sua trajetória individual e coletiva é vista como um privilégio epistemológico em que também se forma um pensamento de fronteira a partir de uma perspectiva subalterna e decolonial (BERNANDINO-COSTA; GROSFOGUEL, 2016). Essa característica é bem evidente na fala da comunitária:

Eu tenho sangue preto, eu tô assim desbotada, mas meu sangue é preto, é sangue de índio... Essa terra tem uma história de luta e resistência e eu me vejo hoje aqui dentro como uma pessoa assim, uma mulher resistente, de resistência mesmo. O povo aqui tem preocupação com a biodiversidade e o meio ambiente, não corta nada e não tira nada aqui. que só soma. (Entrevistado 6).

Uma marca forte expressa na fala da comunitária é o pertencimento a grupos sociais que, por demasiadas vezes, são apagados socialmente e silenciados nas suas práticas. Assim, demonstra as experiências de mulheres racializadas no pós-colonialismo, ao constatar que os danos ecológicos as afetam de maneira desproporcional (FERDINAND, 2022). Portanto, o EA entra dando suporte ao empoderamento e fixação desses comunitários no seu local de origem, indo contra os padrões coloniais instituídos socialmente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Ecomuseus emergem como espaços singulares que transcendem as fronteiras tradicionais dos museus, introduzindo uma nova corrente museológica com abordagem holística e participativa. Focados na comunidade e na memória patrimonial, esses Ecomuseus desempenham o papel crucial de preservar as regiões em que atuam, adotando uma leitura dialógica do território.

A abordagem decolonial, quando aplicada aos Ecomuseus, representa um movimento crítico e reflexivo em direção à descolonização das narrativas e práticas museológicas. Reconhecendo as raízes profundas desses espaços em contextos coloniais, frequentemente perpetuando perspectivas eurocêntricas, os Ecomuseus desafiam essas estruturas, abrindo espaço para a ressurgência de culturas socialmente apagadas, promovendo a valorização da diversidade e a multiplicidade de vozes por meio de uma narrativa inclusiva.

Mais do que meros locais de preservação de objetos, os Ecomuseus abrigam a diversidade biocultural e o conhecimento patrimonial de suas regiões, reconhecendo a interconexão inseparável entre a cultura humana e o meio ambiente. Dessa forma, o Ecomuseu da Amazônia (EA) se apresenta como um importante lócus de pesquisa ao contribuir para a preservação da memória patrimonial e biocultural da região amazônica e atuando como um poderoso catalisador de transformação social e ambiental.

Os procedimentos metodológicos desta pesquisa proporcionaram uma análise diferenciada das ações educativas, buscando compreender como se manifestam os aspectos bioculturais e decoloniais na atuação do EA no território. Nesse processo, destacaram-se os aspectos motivacionais e atitudinais que orientam as ações educativas do EA que ao celebrar a diversidade cultural e a

riqueza dos ecossistemas, transformam-se em agentes de mudança que ultrapassam as fronteiras institucionais, inspirando comunidades a participarem ativamente na construção de um futuro mais equitativo e sustentável.

A partir dos resultados da pesquisa, observa-se que o EA cria caminhos que promovem a sustentabilidade e a coexistência harmoniosa entre comunidades humanas e ecossistemas, onde os comunitários protagonizam as ações a partir dos seus saberes e fazeres. Nesse processo, o EA não é apenas um lugar de memória estática, que difunde uma cultura singular, mas é um centro dinâmico de diálogo que difunde a cultura plural, valorizando e materializando os sujeitos que, muitas vezes, são subalternizados na sua trajetória.

Portanto, esse artigo sugere o desenvolvimento de novas pesquisas que contribuam para a valorização desses conhecimentos em diversos espaços educativos, combatendo pensamentos (pós)coloniais que persistem até a contemporaneidade. É imperativo continuar a promover a colaboração, a diversidade e a autodeterminação, garantindo que os Ecomuseus continuem desempenhando um papel vital na construção de um futuro mais resiliente e harmonioso para as gerações futuras.

# Amazon Ecomuseum: a biocultural and decolonial perspective in the study of educational actions

## ABSTRACT

This work aims to analyze the educational actions developed by the Ecomuseum of the Amazon (EA), located in Belém do Pará, identifying aspects of bioculturality and decoloniality in the development of these actions. It is a qualitative and descriptive study, in the form of a case study. Data were collected through document analysis and semi-structured interviews with members of the institution, including the management, technical team, interns, and community members engaged in the actions. The data were analyzed using content analysis techniques. The results show that the EA has an organizational structure and develops actions through four thematic areas: Environment, Culture, Community-Based Tourism, and Citizenship. Recorded and described actions include "Cultivating Memories," "Productive Backyards," development of training courses, cultural workshops, and interaction with school audiences. These actions encompass attitudinal, motivational, biocultural, and decolonial aspects.

**KEYWORDS:** Non-Formal Education. Cultural diversity. Community development.

## NOTA

### CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES:

Willian Silva Barbosa: Responsável pela coleta e tratamento dos dados, além de ser o autor principal da escrita do manuscrito.

Milena Enedina Mota dos Santos Bessa: Envolvida na escrita, revisão e adaptação do texto ao template da revista.

Gabrielly Freitas Fonseca: Contribuiu com a escrita, revisão e adaptação do manuscrito ao formato exigido pela revista.

Sinaida Maria Vasconcelos: Atuou como orientadora, oferecendo suporte na revisão e aprimoramento do manuscrito.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Adrielson Furtado; MARTINS, Maria Terezinha Rezende. **Memória patrimonial da ilha de Caratateua**: pelo Ecomuseu da Amazônia. Belém, PA: FUNBOSQUE, 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo, SP: Edições 70, 2016.

BELÉM (cidade). Prefeitura Municipal de Belém. **Fundação Centro de Referência em Educação Ambiental Escola Bosque “Professor Eidorfe Moreira” (FUNBOSQUE)**. 2024. Disponível em: <https://funbosque.belem.pa.gov.br/>. Acesso em: 19 fev. 2024.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSFUGUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. **Sociedade e Estado**, v. 31, p. 15-24, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100002>. Acesso em: 20 jun. 2023.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima. **Biodiversidade**. Brasília, DF: MMA, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/biodiversidade>. Acesso em: 18 nov. 2023.

BRULON, Bruno. A invenção do Ecomuseu: o caso do Écomusée du Creusot Montceau-les-Mines e a prática da museologia experimental. **Mana**, v. 21, p. 267-295, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-93132015v21n2p267>. Acesso em: 16 ago. 2023.

BRULON, Bruno. Descolonizar o pensamento museológico: reintegrando a matéria para re-pensar os museus. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, Nova Série, v. 28, n. 2, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-02672020v28e1>. Acesso em: 16 ago. 2023.

CASTRO, Edna Maria. Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais (Paper 092). **Papers do NAEA**, v. 7, n. 1, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. 7. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2011.

DIEGUES, Antonio Carlos (Org.). **Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil**. São Paulo: MMA/COBIO/NUPAUB/USP, 2000.

DUTRA, Débora Santos de Andrade; CASTRO, Dominique Jacob F. de A.; MONTEIRO, Bruno Andrade Pinto. Educação em ciências e decolonialidade: em busca de caminhos outros. In: MONTEIRO, Bruno Andrade Pinto *et al.* (Orgs). **Decolonialidades na Educação em Ciências**. São Paulo, SP: Editora Livraria da Física, 2019. p. 1-17.

FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho**. São Paulo, SP: Ubu Editora, 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, SP: Atlas, 2002.

HUFFNER, João Gabriel Pinheiro; MARTINS, Maria Terezinha Resende; BASTOS, Márcia Sueli Castelo Branco. A possível atuação do Ecomuseu da Amazônia no desenvolvimento do turismo de base comunitária na Ilha de Cotijuba – PA. **Revista Turismo, Visão e Ação**, v. 20, n. 2, 2018.

INSTITUTO DO HOMEM E MEIO AMBIENTE DA AMAZÔNIA (IMAZON). Disponível em: <https://imazon.org.br/imprensa/desmatamento-na-amazonia-cresce-29-em-2021-e-e-o-p..mair-dos-últimos-10-anos/>. Acesso em: 05 jul. 2023.

RODRIGUES JÚNIOR, Edson Beas. **A proteção internacional do patrimônio biocultural imaterial a partir da concepção de desenvolvimento sustentável**. Tese (Doutorado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

MARTINS, Maria Terezinha Resende. Ecomuseu da Amazônia: uma experiência ao serviço do desenvolvimento comunitário no município de Belém-PA. **Cadernos do CEOM**, n. 41, p. 315-328, 2014.

MARTINS, Maria Terezinha Resende; PACHECO, Vinícius de Araújo. Ecomuseu da Amazônia: o patrimônio local da representatividade dos biomapas. **História, Arqueologia e Educação Museal, Patrimônio e Memórias**, p. 270, 2021.

MARTINS, Maria Terezinha Resende; VARINE-BOHAN, Hugues de. A Capacitação - práticas e tentativas de teorização. *In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE ECOMUSEUS E MUSEUS COMUNITÁRIOS*, 4., 2012. **Anais [...]** Belém, PA: EIEMC, 2012.

MUSEU TERRITÓRIO. Disponível em: <https://www.museudoterritorio.org.br/museu-do-territorio/>. Acesso em: 05 maio 2023.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia Científica: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação**. São Paulo, SP: Loyola, 2002.

RIVIÈRE, Georges Henri. L'Écomusée, un modèle évolutif. *In: WASSERMAN, Françoise*. (Ed.). **Vagues: une anthologie de la nouvelle muséologie**. [S. l.]: [S. n.], 1992. v. 1. p. 440-445.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Do pós-moderno ao pós-colonial e para além de um e outro. *In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS*, 8., Coimbra, 2004. **Anais [...]** [S. l.]: [S. n.], 2004.

SANTOS, Manuella Mattos dos; FENNER, Roniere dos Santos. Saberes Tradicionais Quilombolas no Ensino de Ciências da Natureza: Uma perspectiva a partir da Memória Biocultural. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS*, 13., 2021. **Anais [...]** [S. l.]: ENPEC, 2021.

SOUZA, Regina Lucia Tavares Lôbo de. **Ecomuseu da Amazônia: um repensar sobre a prática museológica**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia) – Faculdade de Artes Visuais, Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018. Disponível em: <https://bdm.ufpa.br/jspui/handle/prefix/2158>. Acesso em: 06 ago. 2023.

TERRALÍNGUA. **Biocultural diversity education Initiative. Overview.** 2014. Disponível em: <https://terralingua.org/wp-content/uploads/2015/07/BCDEI.Overview.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2023.

TOLEDO, Victor Manuel Manzur; BARRERA-BASSOLS, Narciso. A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 20, 2009.

TOLEDO, Victor Manuel Manzur; BARRERA-BASSOLS, Narciso. **A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais.** Tradução de Rosa L. Peralta. São Paulo, SP: Expressão Popular, 2015.

VASCONCELOS, Sinaida Maria; MARANDINO, Martha. Biodiversidade em Ecomuseus: aspectos bioculturais e decoloniais. **Revista Bio-grafia. Escritos sobre la Biología y su enseñanza**, n. extraordinário, p. 2661-2668, 2022. Disponível em: <https://revistas.upn.edu.co/index.php/bio-grafia/article/view/18436/11871>. Acesso em: 5 maio 2023.

VIEIRA, Ima Celia Guimarães; TOLEDO, Peter de; SILVA, José Maria Cardoso da; HIGUCHI, Hiromi. Deforestation and threats to the biodiversity of Amazonia. **Brazilian Journal of Biology**, v. 68, n. 4, p. 949–956, 2008.

**Recebido:** 18 setembro 2024.

**Aprovado:** 01 novembro 2024.

**DOI:** <http://dx.doi.org/10.3895/etr.v8n3.19383>.

**Como citar:**

BARBOSA, W. S.; BESSA, M. E. M. dos S.; FONSECA, G. F.; VASCONCELOS, S. M. Ecomuseu da Amazônia: um olhar biocultural e decolonial no estudo das ações educativas. **Ens. Tecnol. R.**, Londrina, v. 8, n. 3, p. 44-63, set./dez. 2024. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/etr/article/view/19383>. Acesso em: XXX.

**Correspondência:**

Willian Silva Barbosa

Rod. Augusto Montenegro, Km 03, s/n – Mangueirão. Belém, Pará, Brasil.

**Direito autoral:**

Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

